

# Ensaio sobre deslocamentos produzidos pela passagem do “gesto de leitura” à elaboração de um instrumento linguístico\*

Verli Petri\*\*

## Resumo

Este texto apresenta reflexões, de cunho ensaístico, num esforço de retomada dos trabalhos de análise produzidos nos últimos 10 anos tendo como objeto de estudo diferentes “instrumentos linguísticos” (Auroux, 1992), estabelecendo relações com um trabalho recente de elaboração coletiva de um “Vocabulário” temático, produzido durante o período pandêmico, especialmente entre março de 2021 e maio de 2023. Trata-se da elaboração do *Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus* que envolveu 26 pesquisadores, filiados a 10 IES brasileiras, e que está publicado no site da UFSM, junto ao Observatório de Informações em Saúde, possibilitando a visibilidade do trabalho de linguistas e analistas de discurso no lugar institucional, tradicionalmente, ocupado por pesquisadores de outras áreas. Os princípios teóricos e metodológicos da Análise de Discurso em suas relações com a História das Ideias Linguísticas nortearam nossas pesquisas e viabilizaram a elaboração de 80 verbetes, via “autoria compartilhada” (Biazus, 2019), o que já pode ser conferido também em publicação de livro impresso com o mesmo título, pela Editora Pedro & João (com financiamento do Edital Universal – CNPq). A reflexão que propomos toca de perto os processos de produção de sentidos sobre as palavras e sobre as práticas sociais em um tempo vivido, sofrido e experimentados, indo além de nossas leituras e análises sobre os “instrumentos linguísticos” disponíveis e propondo “sugestões de definição” (Dotoli, 2012) com a produção de um “artefato de leitura” (Winner, 2017) que contribui com a compreensão dos efeitos de sentidos produzidos por sujeitos em tempos pandêmicos e pós-pandêmicos.

**Palavras-chave:** instrumentos linguísticos; vocabulário; Análise de Discurso; História das Ideias Linguísticas; História da Palavra.

---

\* Uma primeira versão deste texto foi apresentada em mesa-redonda no evento anual do Grupo de Arquivos da Língua – GAL (UFF), em abril de 2024.

\*\* Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Letras (UFSM). Professora Titular do Departamento de Letras Vernáculas e docente permanente do Programa da Pós-Graduação em Letras da UFSM. Pesquisadora do Centro de Documentação e Memória da UFSM, em Silveira Martins; coordenadora do Grupo de Estudos Pallind e do Laboratório Corpus. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3132-3438>.

# Essay on displacements produced by the transition from the “reading gesture” to the elaboration of a linguistic instrument

## Abstract

This text presents reflections, of an essayistic nature, in an effort to resume the analysis works produced in the last 10 years, having as object of study different “linguistic instruments” (Auroux, 1992), establishing relations with a recent work of collective elaboration of a thematic “Vocabulary”, produced during the pandemic period, especially between March 2021 and May 2023. This is the elaboration of the *New Coronavirus Pandemic Vocabulary*, which involved 26 researchers, affiliated with 10 Brazilian HEIs, and which is published on the UFSM website, together with the Health Information Observatory, enabling the visibility of the work of linguists and discourse analysts in the institutional place traditionally occupied by researchers from other areas. The theoretical and methodological principles of Discourse Analysis in its relations with the History of Linguistic Ideas guided our research and enabled the elaboration of 80 entries, via “shared authorship” (Biazus, 2019), which can already be seen in a publication of printed book with the same title, by Editora Pedro & João (funded by Edict Universal – CNPq). The reflection that we propose touches closely the processes of production of meanings about words and about social practices in a lived, suffered and experienced time, going beyond our readings and analyzes on the “linguistic instruments” available and proposing “suggestions for definition” (Dotoli, 2012) with the production of a “reading artifact” (Winner, 2017) that contributes to the understanding of the effects of meanings produced by subjects in pandemic and post-pandemic times.

Keywords: linguistic instruments; vocabulary; Discourse Analysis; History of Linguistic Ideas; Word History.

Recebido em: 14/05/2024 / Aceito: 08/10/2024

## **Um breve preâmbulo: sobre o ensaiar**

Para começar, faz-se necessário, ainda que rapidamente, dizer um pouco de como estou entendendo a arte de ensaiar. Para mim, é correr o risco que o texto do ensaio engendra, aceitar o desafio de publicar uma elaboração que ainda não está finalizada e, talvez, retomá-la mais adiante num outro momento da reflexão.

A decisão pelo formato de um texto na maioria das vezes ocorre antes do início da escrita, mas tanto pode se dar antes do seu início quanto durante seu desenvolvimento, quando o ensaísta se dá conta que ainda não tem um artigo em sua forma definitiva, mas que as ideias já têm consistência para serem colocadas em discussão com os pares. A produção do conhecimento se dá na interlocução, seja com os textos/autores lidos, seja com os leitores numa sujeito-autor e sujeito-leitor (Orlandi, 2001).

“O ensaísta é antes de tudo experimentador” (Meneghetti, 2011, p. 330), tal posição-sujeito coloca-se numa relação amistosa com a de analista de discurso em sua forma sempre incompleta de ser sujeito que toma posição e problematiza questões do seu tempo, práticas sociais e discursivas que fazem de um dado grupo social o que ele é.

## **Introdução**

Neste ensaio, tento mostrar um pouco dos deslocamentos que se produzem na passagem do “gesto de leitura” – tal como o concebe Eni Orlandi – que temos desenvolvido nos últimos 10 anos de pesquisa em História das Ideias Linguísticas; em relação de contraponto com a experiência de elaboração de um

instrumento linguístico de modo coletivo e compartilhado, o *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*<sup>1</sup>. São diferentes posições-sujeito assumidas e delas resultam diferentes produções acadêmicas, mas é no contraponto entre o movimento de ler e o movimento de escrever que nos colocamos neste momento, compartilhando nossas inquietações e nossas primeiras reflexões sobre processos ainda em curso e em (dis)curso (Venturini, 2022, p. 9). Os princípios teóricos e metodológicos da Análise de Discurso em suas relações com a História das Ideias Linguísticas nortearam nossas pesquisas e viabilizaram a elaboração de 80 verbetes, via “autoria compartilhada” (Biazus, 2019).

Essa reflexão tenta dar conta de pelo menos dois momentos da minha produção acadêmica entrelaçando gesto de leitura e gesto de interpretação, considerando os processos de subjetivação do sujeito dotado de inconsciente que toma posição ao ser interpelado ideologicamente, considerando que há uma tomada de posição-sujeito para a produção do conhecimento<sup>2</sup>. O caminho que seguiria uma cronologia dada seria o mais usual, mas as práticas sociais e discursivas do tempo presente mostraram-se como urgência e por isso se atravessam em um primeiro movimento de elaboração deste ensaio, o que será seguido do retorno ao que já produzi em outros momentos. Certamente os movimentos 1 e 2 não serão estanques, haverá entrelaçamentos, muito embora seja possível identificar o que é da ordem do tempo vivido, experimentado e já com um certo distanciamento, em detrimento do momento experienciado no tempo presente, nesse pós-pandemia que nos encontra com mais perguntas do que respostas.

---

1 “O Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” é um projeto coordenado por Verli Petri, no interior do PALLIND (Grupo de Estudos Palavra, Língua e Discurso), da UFSM. Recentemente, o e-book “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” foi lançado pela Pedro & João Editores.

2 Cf. Petri e Silva, 2016.

É o “ensaaiar” que me é possível, é o desejo de especular, “ruminar” (Fenoglio, 2013). Desejo de partilhar esse momento com meus pares. Neste ensaio deve caber meu esforço em abordar dois lados da mesma questão, se acaso parecer incompleto pode-se debitar isso na conta da pandemia, da pós-pandemia e de tudo o que dela decorre na constituição do sujeito e dos sentidos.

Por um lado, exploro as possibilidades de deslocamentos que tenho tentado produzir para ler e analisar as diferentes materialidades na última década, analisando materialidades discursivas que dizem da e sobre a palavra; já o outro lado deste ensaio tem a ver com a tomada de posição-sujeito que se propõe a elaborar coletivamente e de modo compartilhado o *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*, em tempos pandêmicos.

## **Especulando questões teóricas**

Fui interpelada a começar minha reflexão explorando a noção de “gesto”. Tantas vezes trazemos à baila esta noção presente na obra de Pêcheux e de Orlandi, enquanto gestos inaugurais na França e no Brasil, mas nem sempre nos detemos em refletir sobre o que essa noção engendra. Seguindo o escopo destes autores, proponho explorar um pouco o gesto de leitura e o gesto de interpretação. É preciso tomar o gesto de leitura como movimento que produz “novas maneiras de ler, inauguradas pelo dispositivo teórico da análise de discurso” (Orlandi, 1999, p. 82). O gesto de interpretação, por sua vez, tem a ver com o sujeito pois, segundo Orlandi (1996, p. 64), o sujeito que fala/escreve dá sentidos, constrói “sítios de significância”, delimita domínios, tornando possível tal gesto. A partir desta premissa, Orlandi nos ensina que o sentido sempre pode ser outro, mas

não pode ser qualquer um. Em outro momento de elaboração, a autora retoma dizendo que o gesto de interpretação se liga “aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos [...]” (Orlandi, 1999, p. 60).

Refletir sobre os processos de identificação dos sujeitos também é um desafio para mim, tomando por base as modalidades de identificação plena, contra-identificação e desidentificação propostas por Pêcheux ([1975] 1995), modalidades retomadas por ele mesmo em publicações posteriores. Já no Anexo 3, intitulado “Só a causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, Pêcheux explicita que a identificação plena do sujeito seria uma ilusão constitutiva, considerando em sua retificação que não se pode levar “exageradamente a sério as ilusões do poder unificador da consciência” ([1975] 1995, p. 299). Também em *O discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux afirma que “não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma ‘infelicidade’” [...] (Pêcheux, [1988] 1997, p. 56). Estas reflexões de Pêcheux colocam a contradição como noção fundamental para se compreender as tomadas de posição do sujeito que produz discurso. Com isso, compreendo também que ao mesmo tempo que ao ser interpelado ideologicamente e atravessado pelo inconsciente o sujeito presentifica saberes para produzir discurso, o sujeito constituído pela contradição não se desvencilha dos saberes que lhe eram constitutivos até a ruptura com uma dada formação discursiva (FD), pois ao se desidentificar com a FD dominante, não se apaga a memória discursiva que o constitui e ela fica reverberando (promovendo o acontecimento enunciativo, conforme propõe Indursky, 2008), e isso produz sentidos.

Já no tocante à “apropriação subjetiva dos conhecimentos” de que trata Pêcheux ([1975] 1995, p. 222-223), a desidentificação pode não se realizar totalmente, realizando-se de maneira diferente “em função da natureza das formações discursivas que servem de ‘matéria-prima’ a esse efeito” (p. 223). É sobre esta apropriação do conhecimento que estamos pensando, pois para produzir os verbetes, que compõe o *Vocabulário*, foi a apropriação de saberes outros que nos respaldou para compreensão e elaboração das sugestões de definição, tal como podem ser lidas atualmente. Há todo um processo dando sustentação para uma textualidade que se apresenta como um produto, algo já-dado. Orlandi (1996, p. 85) colabora com essa reflexão quando propõe que o analista de discurso “não se inscreva em uma formação discursiva mas entre em uma relação crítica com o conjunto complexo das formações”. Tal “relação crítica” produz efeitos na tomada de posição do sujeito analista de discurso, posto que ele é interpelado a tomar mais ou menos consciência da relação que tem com as formações ideológicas que o constituem. Ele precisa estar mais ou menos “alerta” e não sucumbir às generalizações, às evidências e aos pré-conceitos tão presentes no cotidiano do sujeito em sociedade. Trata-se de um sujeito sempre “dividido” (Courtine, 2006) que toma posição para produzir o conhecimento, em nosso caso específico isso se dá nas análises empreendidas, mas também na escrita compartilhada de verbetes para um *Vocabulário* temático tão específico como o da pandemia do novo coronavírus.

Nosso ponto de partida foram os estudos sobre a palavra em “instrumentos linguísticos” (Auroux, 1992), especialmente no dicionário, da perspectiva discursiva (Nunes, 2006), produzidos na França e no Brasil, eles deram sustentação

às nossas pesquisas e também possibilitaram a produção do *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*<sup>3</sup>. É sobre isso também que me debruço neste ensaio, sobre os efeitos da produção do conhecimento, dos gestos de leitura e de interpretação na elaboração de um instrumento linguístico tão específico. Certamente caberiam outras questões a problematizar, nos termos de Mara Glazmann *et al.* (2014), perguntando: como podemos compreender os processos de identificação, as inscrições dos sujeitos pesquisadores que produzem gestos de leitura e gestos de interpretação? Como a contradição intervém em cada modalidade de subjetivação dos sujeitos que se inscrevem no movimento entre a prática política e a prática científica? Mas isso ficará para um outro momento da pesquisa...

Ainda sobre a noção de gesto, temos na obra *Argumentação e Análise de Discurso*, publicada em 2023, que Orlandi se propõe “a ampliar a noção de gesto de Pêcheux”, indicando que podemos ver no “argumento, um gesto, o de apontar em certa direção de sentido” (p. 61). Nesta mesma página, a autora apresenta uma nota de rodapé dizendo como compreende o “gesto” nesta reflexão sobre argumentação, tomando-o então como “um gesto de interpretação que como o considero intervém no real do sentido. Intervenção é bem a palavra” (Orlandi, 2003, p. 61). Não pretendo aqui discutir a questão do real do sentido, mas propor uma reflexão sobre gesto enquanto intervenção. Estou muito tocada pela leitura deste último livro de Orlandi. Ele tem contribuído para minhas reflexões acerca dos modos de ler e de intervir em práticas discursivas e sociais.

---

<sup>3</sup> Para abreviar o título usarei também apenas a designação *Vocabulário*.

No contraponto entre o ler e analisar instrumentos linguísticos e a elaboração coletiva e compartilhada de um *Vocabulário* da pandemia nos movimentamos enquanto sujeitos do discurso, enfrentamos o confronto ideológico que nos constitui, formulando “sugestões de definições” (Dotoli; Boccuzzi, 2012). De fato, o processo de elaboração do *Vocabulário* nos colocou em relação de alteridade com o outro e com os outros, pois estivemos expostos ao confronto de interpretações possíveis, nas palavras de Orlandi (2023, p. 61): “Disputa de sentidos. Deslocamento”. E foi muito difícil, construiu-se um movimento coletivo que tomava posição no entremeio da prática política e da prática científica. Isso pode ser conferido nas reflexões produzidas durante a elaboração do *Vocabulário* e depois de sua finalização<sup>4</sup>.

Em meu texto de 2013<sup>5</sup>, conhecido por representar um esforço em descrever o movimento pendular tão característico da Análise de Discurso, trabalho com a ideia de “instalação” (Petri, 2013, p.45-47), fazendo um deslocamento da área das artes plásticas e visuais. Ao dizer instalação de um dispositivo teórico e analítico me refiro lá à maneira de ler dos analistas de discurso, sempre tão singular, jogando uma luz nova sobre o objeto em estudo. E ao dizer instalação estou me remetendo ao “gesto de leitura” na concepção de Orlandi, aqui mencionada. Já, hoje, quando trago de Orlandi a ideia de “intervenção” para tentar dar conta da noção de “gesto de interpretação”, me desafio a dar espaço para a tomada de posição-sujeito diante de um discurso a ler, mais do que isso de um discurso que nos interpela à elaboração, à textualização/re-textualização, à linearização de dizeres dispersos em tempos pandêmicos, quando a disputa de sentidos é acirrada. Pode-se pensar, então, em intervenção?

---

<sup>4</sup> Muitas delas comparecem nas referências bibliográficas deste ensaio.

<sup>5</sup> Cf. também Petri (2023), reflexão atualizada sobre esta produção de 2013.

## Do gesto de leitura à elaboração de um instrumento linguístico

O grupo de 26 pesquisadores que se dedicou a trabalhar na construção do *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*<sup>6</sup>, tomou uma posição política e científica, caminhou na direção desta “intervenção” de que nos fala Orlandi, em 2023. Dizer gesto é remeter à forma material, a um movimento de um corpo que é matéria e é reconhecido pelo simbólico que se abre para a polissemia na interlocução, produzindo efeitos de sentido. Insisto na tese pecheuxiana de que “o sentido sempre pode ser outro”, mas não pode ser qualquer um. Foi necessário manter uma direção ideologicamente comprometida com o “social” (Scherer; Petri, 2012), trabalhando no espaço da ilusão de poder controlar os sentidos sobre o que se diz e não se diz nos verbetes do *Vocabulário*, um desafio imenso.

A reflexão que propomos toca de perto os processos de produção de sentidos sobre as palavras e sobre as práticas sociais em um tempo vivido, sofrido e experimentado, indo além de nossas leituras e análises sobre os “instrumentos linguísticos” disponíveis e propondo “sugestões de definição” (Dotoli; Boccuzzi, 2012) com a produção de um “artefato de leitura” (Winner, 2017) que contribui com a compreensão dos efeitos de sentidos produzidos por sujeitos em tempos pandêmicos. No caso da elaboração do *Vocabulário*, isso se apresentou de modo contundente: diante dos confrontos ideológicos, das possibilidades de sentidos, foi necessário “apontar em certa direção” em detrimento de outras possíveis. Aí reside a tomada

---

<sup>6</sup> Reporto aqui algumas produções que já discutem os resultados do trabalho de elaboração deste instrumento linguístico: Petri (2020), Petri *et al.* (2021), Petri (2021), Ribeiro e Petri (2022), entre outros.

de posição-sujeito como aquele gesto que deu voz à ciência, que confrontou as falsas proposições da extrema direita no Brasil. Trata-se do sujeito linguista, analista de discurso e estudioso da História das Ideias Linguísticas que marca posição no espaço destinado à área da saúde e da estatística na Universidade. A intervenção produziu um “furo” na estrutura, instituindo-se como lugar de dizer dos estudiosos da linguagem. Sim, os estudiosos da linguagem também produzem gestos, fazem intervenção na realidade social que se apresenta na pandemia. Estou referindo uma prática da qual fiz parte, mas aconteceram outras<sup>7</sup> e isso aponta para uma prática política e científica de tipo novo.

## **Pelo desejo de abrir outras frentes de trabalho**

Talvez toda essa reflexão possa colaborar para pensarmos juntos no que norteia nossas práticas analíticas quando nos deparamos com um arquivo a ler, quando a Análise de Discurso (desde a década de 1980) e, mais recentemente, a História das Ideias Linguísticas vão registrando marcas que diferenciam França e Brasil, temos as nossas especificidades do lado de cá do Atlântico. Fizemos AD e HIL, mas não é a mesma coisa que se faz no continente europeu. O gesto produzido aqui é resultante de uma tomada de posição-sujeito diferente, pois não adotamos a perspectiva do europeu (de herança colonizadora), muito embora suas influências sejam fortes e ainda muito presentes. Nossa perspectiva brasileira já se firmou e representa uma grande parcela da produção do conhecimento nestas áreas no mundo.

Mas, retomando o que deveria ser a primeira parte desta exposição, trago à baila os gestos de leitura e de análise que

---

<sup>7</sup> Cf. Baalbaki; Andrade (org.) (2020), por exemplo.

produzi nos anos que precederam a pandemia, explicitando o quanto estão ligados aos instrumentos linguísticos – num esforço em compreendê-los mais e melhor –, mais precisamente aos dicionários, aos glossários, aos vocabulários e às listas de palavras. Vou tentar exemplificar como isso se realiza na prática que tenho tentado desenvolver, pois destes trabalhos de leitura e análise foi se construindo — com meus orientandos e meus pares — um interesse crescente pela palavra, seu funcionamento e seus efeitos de sentidos.

Como tenho dito sou filiada, prioritariamente, à Análise de Discurso, e tenho sido uma estudiosa da História das Ideias Linguísticas. Poderia dizer que, mais especificamente, sou uma estudiosa dedicada à História das Palavras. Ao propor gestos de leitura foi imperioso promover deslocamentos, pois tradicionalmente a área que dá conta da história e da arqueologia da palavra é a Etimologia. A disputa de sentidos instala-se aqui também, produzindo “desentendimento”, pois não é possível tomar um nome ou uma locução em seu sentido literal. Um “desentendimento” muito produtivo no sentido de provocar deslocamentos e abrir mais um caminho na HIL. Os funcionamentos são muito diferentes e isso gera consequências no processo. Rancière nos ensina que:

Por desentendimento entenderemos um tipo determinado de situação de palavra: aquela em que um dos interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro. O desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz preto. É o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco mas não entende a mesma coisa, ou não entende de modo nenhum que o outro diz a mesma coisa com o nome de brancura (Rancière, 1996, p. 11).

O desentendimento então se instala no dizer e quero problematizar isso, exemplificando com uma leitura que faço, propondo interpretações para a história da/das/de palavras. Baseada na ideia de que dizer história *de* ou *das* palavras na perspectiva de Dona Ângela (cf. exemplo 1) remete a alguns sentidos, dizer o mesmo conforme a publicação recente de Aldo Bizzocchi (cf. exemplo 2) é outra coisa, todas as duas são diferentes do que tenho proposto a partir da minha posição de analista de discurso filiada ao materialismo e estudiosa da História das Ideias Linguísticas.

Trago para a discussão as duas publicações intituladas História de e das Palavras, título do qual me apropriei de 2016 para cá, como modo de nomear e de designar o que tenho feito como gesto de leitura, como presença em meus projetos junto ao CNPq<sup>8</sup> e como orientação de trabalhos de IC, mestrado e doutorado<sup>9</sup>. Os significantes são os mesmos, mas a posição-sujeito sendo outra os sentidos são outros...

Vejamos os dois exemplos.

## Exemplo número 1

Em 1961, Dona Ângela Vaz Leão, falecida em 2024 com 101 anos, publicou o livro *História de Palavras*, teve uma edição comemorativa revista e aumentada em 2011, 50 anos depois. Nesse livro, a pesquisadora medievalista explicita a história de algumas palavras e expressões, levando mais ou menos em conta

---

<sup>8</sup> *A surpreendente história das palavras que fazem do discurso político o que ele é no início do século XXI no Brasil* (2018-2021). Processo: 311475/2017-5. *A história das palavras e a dicionarização: ditos e não-ditos em tempos de pandemia no Brasil do século XXI* (2021-2024). Processo: 311342/2020-5. *A construção da história das palavras que fazem do discurso político o que ele é na segunda década do século XXI* (2024-2027). Processo: 310502/2023-3.

<sup>9</sup> Ribeiro, 2024, Flores (2019) e Branco (2019), por exemplo.

a Etimologia, mas invariavelmente expandindo suas reflexões na direção do funcionamento e da produção dos sentidos, em seu dizer, as palavras “consideradas do ponto de vista da ideia significada ou dos sons significantes” (Leão, 1961, p. 9). Eu a descobri tardiamente e me apaixonei, é uma obra incrível, produzida na década de 1950, quando não se falava em Análise de Discurso tal como a conhecemos, que nos apresenta uma pesquisadora seriamente comprometida com os estudos da linguagem. Ela já tomava a língua em suas relações com a exterioridade que lhe é constitutiva. Deste livro, quero destacar o que ela nomeou como neologismo, em 1961, a palavra “conceituação”, o que em 2011 já estava dicionarizada em definitivo. Tão longeva, ela teve oportunidade de ver como a dicionarização se realiza através do tempo e como esta palavra fundamental para os cientistas ganha seu devido lugar nas práticas discursivas e sociais. Um dos caminhos acadêmicos trilhados por Dona Ângela me parece bastante profícuo, tanto trabalhou na análise linguística em suas relações com a exterioridade, quanto produziu verbetes reunidos no livro já mencionado. É uma inspiração!

Homenageio hoje mais uma vez Dona Ângela<sup>10</sup>, agora postumamente, para dizer que continuamos seu trabalho e estamos promovendo deslocamentos, estabelecendo relações entre a história das palavras e os funcionamentos que observamos no tempo presente, trabalhando com instrumentos linguísticos no que concerne à “língua imaginária” e com o que extrapola o espaço dos instrumentos linguísticos nos colocando diante dos saberes em movimento, o que concerne à “língua fluida” (Orlandi, 1999).

---

<sup>10</sup> Já homenageada em texto publicado em 2018, na Revista *Conexão Letras*, cf. Petri, 2018.

## Exemplo número 2

Recentemente me deparei com a publicação de um livro datado de 2023, intitulado *Uma breve história das palavras: da pré-história à era digital*, de autoria de Aldo Bizzocchi. Nesta obra, ele promete “Muito mais do que uma simples história das palavras, minha intenção é a de evidenciar a visão de mundo que norteia a aparição de novos termos e sua evolução nos idiomas cultos” (Bizzocchi, 2023, p. 11). Tal obra segue uma tendência evolucionista dos estudos etimológicos, fui busca-la para conhecer e reconhecer o que significa dizer história das palavras nesse espaço tradicionalmente reconhecido que é o da Etimologia. Na sequência, o autor afirma que a “etimologia é a ciência que estuda a história das palavras desde a sua origem, por vezes num passado distante e em língua outra que não a nossa, passando por todas as mudanças de forma e sentido que sofreram ao longo do tempo” (Bizzocchi, 2023, p. 24). A perspectiva deste autor se distancia bastante do que temos tentado fazer, muito embora possa trazer alguma contribuição no sentido de inventariar etimologicamente certos vocábulos.

Tenho nomeado o que faço como história de palavras e/ou história das palavras, promovendo deslocamentos em relação ao que está posto pelos autores que mencionei, pois ao tomar a teoria do discurso materialista não buscamos a origem da palavra, nem a pretensa completude de “todas as mudanças”, nem uma pretensa evolução do termo, seja na sua forma seja nos seus significados; do mesmo modo que não observamos o que “sofre” uma palavra em sua história, como se fosse um organismo vivo. Certamente há determinações, históricas, sociais e ideológicas que vão produzindo efeitos de sentidos outros, construindo a história da palavra que podemos inventariar e dar a conhecer.

## Para finalizar...

Não quero me estender muito mais, pois o “ensaiar” apresenta reflexões e nichos para novas pesquisas, sem o objetivo de concluir ou fechar alguma questão. Então, já finalizando, é preciso dizer que da perspectiva discursiva, vamos tomar a palavra em sua forma material, investigando a história da dicionarização e de seus diferentes funcionamentos no decorrer da história. Uma palavra que tem história, talvez histórias no plural, mas que tem também um funcionamento no tempo presente. Foi assim que surgiu a ideia de elaboração de um *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*: se a palavra tem história, como ela significa no tempo presente sob o impacto de um grande acontecimento histórico que demanda discursivização? O *Vocabulário* tenta dar conta de uma parte desta discursivização...

Assim como Orlandi (2022), tomamos a palavra como aquela que conversa com outras palavras, nestas relações é que se constituem os sentidos. Importa dizer que nosso gesto de leitura não prescinde de nenhum instrumento linguístico que esteja disponível para consulta, sendo assim o dicionário etimológico também constitui nossos arquivos, contribuindo eventualmente com nossas pesquisas. E para a elaboração do *Vocabulário* foi fundamental reconhecer o que estava posto na história para tomar uma posição e discursivizar no tempo presente, propondo um gesto de interpretação que certamente poderia ser outro.

## Referências

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

BAALBAKI, Ângela; ANDRADE, Luiz. (org.). *Discursos da Pandemia: entre dores e incertezas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

BIAZUS, C. B. *Dicionário compartilhado: um encontro entre escrita, análise de discurso e psicanálise*. Curitiba, PR: Appris, 2019.

BRANCO, N. L. *Instrumentalização da Língua Espanhola do Uruguai: um estudo discursivo do Dicionario del Español del Uruguay*. 2019. 191 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/22252>. Acesso em: 13 abr. 2024.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Claraluz, 2006.

DOTOLI, G.; BOCCUZZI, C. *Définition et dictionnaire*. Paris: Hermann Éditeurs, 2012.

FENOGLIO, Irène. Manuscritos de linguistas e genética textual: quais os desafios para as ciências da linguagem? Exemplo através dos “papiers” de Benveniste. Tradução de Simone de Mello de Oliveira, Verli Petri da Silveira, Zélia Maria Viana Paim. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, *Série Cogitare*, v. 11, 2013. 70 p.

FLORES, Lucas Martins. *A militância na/da produção do conhecimento científico: uma análise discursiva do Dicionário da Educação do Campo*. 2019. 193 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

- Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/20980>.  
Acesso em: 13 abr. 2024.
- GLOZMAN, Mara *et al.* Qué és un corpus? *Entramados y perspectivas*, v. 4, n. 4, pp. 35-64, 2014.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. *In: MITTMANN, S.; CAZARIN, E.; GRIGOLETTO, E. (org.). Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua.* Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 9-33.
- MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um Ensaio-Teórico? Curitiba: *Revista de Administração Contemporânea (RAC)*, v. 15, n. 2, pp. 320-332, mar./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/4mNCY5D6rmRDPWXtrQQMyGN/>  
Acesso em: 15 abr. 2024.
- NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: Análise e história do século XVI ao XIX*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- ORLANDI, Eni P. *Argumentação e Análise de Discurso: conceitos e análises*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.
- ORLANDI, Eni P. Sobre metéfora, memória e significância: lendo Michel Pêcheux. *In: VINHAS, Luciana; CAMPOS, Luciene; LARA, Renata M. Trajetos equívocos: discurso, deslimite e resistência.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 25-46.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto: formação e circulação do sentido*. Campinas/SP: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas/SP: Pontes Editores, 1999.
- ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1975]1995.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, [1988] 1997.

PETRI, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. *Revista Conexão Letras*, v. 13, n. 19, 2018, p. 48-58. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/viewFile/85032/49004>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PETRI, Verli. O trabalho do analista de discurso: das práticas sociais-analíticas às formulações. In: SOARES, Alexandre S. F.; GARCIA, Dantielli A.; VIEIRA, Norma C. *Tornar-se analista de discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 29-45.

PETRI, Verli *et al.* (org.). *Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PETRI, Verli. Algumas reflexões sobre o “Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus”: projeto em curso e discurso. In: PETRI, Verli *et al.* (org.). *Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PETRI, Verli *et al.* (org.). *Dicionários em análise: palavra, língua e discurso*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

PETRI, Verli. Vocabulários. In: MEDEIROS, V. *et al.* *Almanaque de fragmentos: ecos do século XIX*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 287-291.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio as análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. (org.). *Análise de Discurso em Perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria, Editora da UFSM, 2013.

PETRI, Verli. *Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos*. Santa Maria: PPGL Editores, 2010.

PETRI, Verli. A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do gaúcho. *Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 227–243, jul./dez. 2008.

PETRI, Verli; SURDI, Marcia Ione; SEVERO, Robson. (org.). *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

PETRI, Verli; SILVA, Kelly F. G. Apontamentos sobre a produção do conhecimento e práticas científicas em escritos de Michel Pêcheux. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 1, n. 37, p. 9-27, 2016. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao37/edicao37>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SCHERER, Amanda; PETRI, Verli. O movimento disciplinar sobre os estudos do discurso, no contexto brasileiro, a partir dos anos 80. *Desenredo* (PPGL/UPF), v. 9, p. 81-93, 2013. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/3848>. Acesso em: 17 abr. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

RIBEIRO, Gabriela Gonçalves. *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus: uma proposta de análise discursiva sobre a produção e efeitos de sentidos das palavras em tempos de emergência sanitária*. Orientadora: Profa. Dra. Verli Petri. Dissertação de mestrado em Letras. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Santa Maria. 127p. 2024.

RIBEIRO, Gabriela Gonçalves; PETRI, Verli. “Projeto vivências: produzindo sentidos na escola Paulo Freire”: Uma análise discursiva de verbetes que deram voz aos estudantes em processo de formação. *Revista Interfaces*. v. 14. n. 01 (2023), p. 15-25, 2022. Disponível em: [https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/7463](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/7463). Acesso em: 19 abr. 2024.

VENTURINI, Maria Cleci. Museus e memoriais em (dis) curso para além da história e do patrimônio. *Diálogos pertinentes*. Revista Científica de Letras, 2022, v. 18, n. 2, p. 8-21. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/3818>. Acesso em: 28 abr. 2024.

WINNER, Langdon. Artefatos têm política? Tradução de Debora Pazetto Ferreira & Luiz Henrique de Lacerda Abrahão. Rio de Janeiro: *Revista ANALYTICA*, v. 21, n. 2, 2017, p. 195-218. Original: WINNER, Langdon (1986) “Do Artifacts have Politics?” *In*: WINNER, Langdon (1986). *The Whale and the Reactor: A Search for Limits in an Age of High Technology*. Chicago: The University of Chicago Press, [1986] 2017. p. 19-39.

### **Obras analisadas**

BIZZOCCHI, Aldo. *Uma breve história das palavras: da pré-história à era digital*. São Paulo: Edições 70, 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. *História de palavras*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1961.

LEÃO, Ângela Vaz. *História de palavras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011.